



MASCULINIDADE (S) CONTEMPORÂNEAS E LUGAR DAS ARTES NEGRAS, NOS ARREDORES DA PAULICEIA

“Salloma” Salomão Jovino da Silva¹

Resumo: Este ensaio procura discutir mudanças valorativas das percepções identitárias masculinas a partir da periferia de São Paulo e da produção artístico-cultural de grupos e artistas autoafirmados como negros. Historiciza a masculinidade negra como consignada pela escravização e subalternidade violenta e aventa hipóteses sobre conexões entre cultura da violência e normatividade masculinizante.

Palavras-chave: masculinidade negra; produção artístico-cultural; subalternidade; cultura da violência

CONTEMPORARY MASCULINITIES AND PLACE OF BLACK ARTS, SURROUNDINGS OF PAULICEIA

Abstract: This essay tries to discuss the value changes of the masculines identities perceptions from the periphery of São Paulo and of the artistic-cultural production of self-affirmed groups and artists as blacks. It historicizes the black masculinity as if it had been consigned by enslavement and violent subalternity and it formulate hypothesis about connections between culture of violence and masculinizing normativity.

Keywords: black masculinity; artistic-cultural production; subalternity; culture of violence.

MASCULINITÉ(S) CONTEMPORAINES ET LIEU DES ARTS NOIRS, À L'EVIRONS DE VILLE SÃO PAULO

Résumé: Cet essai vise à discuter des changements d'évaluation des perceptions de l'identité masculine de la périphérie de São Paulo et de la production artistique-culturelle de groupes et d'artistes qui sont autoproclamés comme des noirs. Historicise la masculinité noire telle que consignée par l'esclavage et la subalternité violente et de tablier l'hypothèse sur les liens entre la culture de la violence et les règlements masculinisant.

Mots-clés: masculinité noire; production artistique et culturelle; subalternité; culture de la violence

MASCULINIDADE (S) CONTEMPORANEAS Y EL LUGAR DE LAS ARTES NEGRAS, EN LOS ARREDEORES DE LA PAULICEIA

Resumen: Este ensayo busca discutir cambios valorativos de las percepciones de las identidades masculinas a partir de la periferia de São Paulo y de la producción artístico-cultural

¹“Salloma” Salomao Jovino da Silva é músico e professor, pesquisador de Cultura Negras, Afrodiáspóricas e História da África. 6 Cds gravados, 3 DVDs, dois livros autorais e colaborador de revistas e grupos de pesquisa sobre culturas musicais. Possui graduação (1997), Mestrado (2000) e Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005) com estágio no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Produz eventos artísticos de temática negra e afrodiáspórica e atualmente tem contrato de trabalho por tempo indeterminado da Fundação Santo André, ministrando Aulas na Graduação e Pós em História e Relações internacionais



de grupos y artistas que se identifican como negros. Narra la historia de la masculinidad negra como construida por la esclavitud y subalternidad violenta y posibilita hipótesis sobre conexiones entre cultura de la violencia y normatividad masculinizante.

Palabras-clave: masculinidad negra; producción artístico-cultural; subalternidad; cultura de la violência.

Imaginem que estamos numa sala de controle de tvs, nossos diversos monitores nos fazem chegar a imagens e sons de brasis que habitam a cidade negra submersa sob a metrópole paulistana. Nas redes vazam e abundam imagens de violência cotidiana contra gays e mulheres, lésbicas ou não, crianças e jovens negros. Uma mulher negra arrastada pela polícia, uma mulher trans abatida, morta a pauladas, uma lésbica morta a coturnos másculos na rua. Imaginem que estes corpos ficam amontoados num canto da tela aguardando nossa ação. E nada. Não repercute. Os chamados “formadores de opinião” jazem num silêncio ensurdecedor. Também mortos, agem como se vivessem na Bélgica. Herdeiros como somos da tradição ocidental, aqui a escala de valores humanos continua sendo homem branco, mulher branca, homem negro, mulher negra. Os mestiços e povos originários nem são mencionados, só em filmes. E a violência é nossa marca.

Em termos de imaginário nacional continuamos a nos ver pelas pranchas romântico-modernistas de Tarsila, Freyre, Hollanda e Da Matta? A cidade de São Paulo é uma ilha entre rios mortos, alguns dos seus bairros são redomas e a cultura artística é um mito ou um privilégio.

Vamos aqui dar saltos no tempo para conversar sobre a construção das nossas hierarquias, definidas em termos de masculinidade(s). Poderosos senhores de terras e gentes, suas senhoras e escravizadxs, apadrinhadxs, colonxs, meeirxs e dominados em geral. Um Brasil colonial que ficou em nossa pele, memórias e desejos. Homens sobre homens, homens sobre meninos, homens brancos sobre o céu e a terra. Ioiôs e Iaiás quase sempre saudosos e melancólicos do paraíso perdido. Arrogância inata e sem perceber, eles também continuam caindo.

Estou falando sobre nossas relações de poder, prestígio e mando em termos de sexo, gênero e raça. Nunca havia pensado sob essa perspectiva antes. Então é um fio narrativo lacunar e cheio de hesitação. Mas estou gostando do desafio. Mesmo um



intelectual periférico e preto deve ter direito constitucional garantido, para que possa utilizar alguns desses conceitos, ainda que fora do lugar.

Desde a década de 1980, eu tenho vivido aqui, ou nas geografias ao redor dos lagos artificiais, da metrópole mais rica do hemisfério sul. Sentindo e participando, amando e decaindo. Vou escolher um ponto de vista para dialogar com você que está aqui me acompanhando, antes que nossas vistas se turvem de jeribita ou de choro.

Nesse texto faço um exercício criativo em torno da ideia de mudanças de valores morais, atitudes e comportamentos, enfeixadas pelas concepções de gênero e raça, nessa geografia, ou a partir dela. São ideias compostas como fotografias mal reveladas sobre a construção de novas masculinidades no meio artístico-cultural paulistano, nas últimas três décadas. Pode ser?

MONITOR 1 (PRETO E BRANCO ANALÓGICO)

Show do Criolo. Na aérea externa da Casa de Cultura do Grajaú, nas beiras das represas Bilings e Guarapiranga, que abastecem de água São Paulo. Periferia em algum mês de 2015. Mais de 10 mil pessoas, pelos cálculos da prefeitura. Vários adolescentes, alguns de aparência masculina desfilando pelo baile tranquilamente de mãos dadas, usam vestidos e saias, outros de aparência feminina se tocam, se beijam, se enroscam gostosamente, enquanto o som transcorre tranquilo.

Num passado recente tais cenas seriam impossíveis. O que aconteceu no Grajaú (e nas periferias de São Paulo e Brasil) em termos de mudanças culturais que envolvem as questões de gêneros, entre as décadas de 1970-2010, merece ser visto sob vários ângulos. Podemos fazer isso tendo em vista o complexo sociocultural que chamamos de Brasis, pensando em suas hierarquias de raça e gênero e a luta constante para fixação dessa nova concepção de diversidade.

Bem, sabemos que o Criolo é um jovem artista com considerável exposição midiática atualmente, que nasceu e cresceu na região do Grajaú, cria e canta com sua banda um gênero musical que ainda é identificado como *RAP* (rhythm and poetry) ou *REP* (*Ritmo e poesia*). Grosso modo, sabemos também que na maioria dos casos esse gênero musical é considerado machista e misógino. Essa crítica vem sendo feita aos



reppers desde a década de 1990². Na rede web abundam análises livres e versões acadêmicas críticas sobre o conteúdo das letras das canções. O peso recai sobre conteúdos das letras-poesias de alguns grupos de RAP ou REP mais difundidos e principalmente daquelas dos Racionais Mcs.

A cultura musical do REP foi e é muito importante no Brasil, por trazer uma nova forma de percepção do racismo antinegro e da discriminação social das pessoas pobres, moradoras dos subúrbios extremos, genericamente chamadas desde a década de 1970 de “Periferias”. Paul Gilroy com seu atlântico negro nos ajudou a confirmar algo que intuíamos sobre o lugar da cultura musical nas construções de novos valores culturais, mas também com transmissores de memórias e mensagens políticas potentes entre os descendentes de africanos nas Américas. A maneira pela qual a cultura jovem urbana influenciada e reconfigura pelo sua fonte jamaicana estadunidense no Brasil, a partir dos anos 1990, carrega muito dessas mensagens afrodiaspóricas. Quais sejam, identidade, modernidade e luta contra o racismo.

As noções de diversidade racial, cultural e de gênero, sem dúvida são conquistas recentes, mas não desprezíveis, do repertório político da sociedade contemporânea. Também sabemos que elas emergiram nos países capitalistas ocidentais mais ricos e foram apreendidas de diferentes formas nas periferias do mundo. Também nas periferias das periferias do mundo. Dito de outra maneira, “nóis num tava na cena da cria das palavra, mais sabemu seu sintidu e apredemu como usá. Então dá licença de falá, digo iscrevê”.

Foi no Grajaú que o movimento contra a carestia assumiu ares de “barricadas da saúde” na década de 1970. Também foi por lá que o crack (pedra) entrou na cidade e também que se constataram as práticas nacionalmente disseminadas dos esquadrões da morte. Nas periferias conhecemos bem os famosos “Pés de Pato”. Machos dispostos a fazer o serviço por algumas merrecas. Matadores de aluguel contratados por pequenos comerciantes e apoiados pela polícia. Também naquelas quebradas atuava a turma do Cabo Bruno, dos Rambos e Ninjas. Todos os seus cães vira-latas de aluguel e seus

² Leia nosso artigo em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/122>

derivados. Tudo isso já existia bem antes dos coronéis da rota começarem a concorrer e vencer eleições, para cargos de vereadores, deputados e senadores.

MONITOR 2 (COLORIDO, DIGITAL)

COLETIVO NEGRO

Cidade de São Paulo, zona oeste, bairro de classe média associado às artes, espetáculos e entretenimento urbano. SESC Pompeia, 6 de abril de 2016. Espetáculo do grupo Teatral Coletivo Negro. Casa cheia. O Coletivo é negro, e é um grupo de teatro composto por jovens que se auto definem como tal. São negros, pardos e pretos para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. Certamente são descendentes de africanos, pertencentes a um ramo específico da diversa humanidade e vivem na metrópole paulista. Uma parte da nossa conversa então é condicionada por estes fatos: A - Os africanos foram espalhados pelo mundo já a partir do século XV, em função da expansão do ocidente. B - O tráfico e o escravismo formaram o mundo que vivemos e nossos ancestrais foram arrebatados por este evento histórico, como coadjuvantes ou como vítimas.

O jovem diretor e ator Jé Oliveira explora as poéticas e musicalidades do HIP HOP brasileiro. Tendo na produção do grupo os Racionais que, nesse caso, funciona como ponte ou costura, às vezes liga partes que não formam figuras concisas. Há nisso alguma semelhança com as instalações da artista plástica Rosana Paulino³. São fotografias de corpos negros, que uma vez recortados, são refeitos por costuras onde as partes não se encaixam como nas figuras originais.

No palco quatro músicos, um Dj e o ator, que encarna homens e mulheres negras periféricas. Batida dançante, levadas de soul e MPB, recortes musicais já explorados pela cultura Hip Hop no Brasil. O texto rimado entremeia as canções e cenas de Vídeo Clip ao vivo. Não traz versos fáceis, nem metáforas plenamente acessíveis. Figuras de mulher mãe e de homem pai ausente, mas não é antagonismo, é incompletude. O menino cresce sem menção aos pelos púberes, sem olhar para o falo. O menino nem leu

³ Veja: <http://www.rosanapaulino.com.br/>



Freud. O personagem e o ator-diretor que cresceram sonhando ser Mano Brown na contundência poética, no timbre grave a assertivo, no peito forte e camiseta regata branca sem manga, vestida de boxer.

A plateia chora e ri, lembra e cria, preenche de imagens as partes brancas da tela vazia. Tipo caixas de som na laje no último volume. Surpreendeu aqui, já foi pra Criolo. Era domingo de tarde no Grajaú. Onde o filho da Vilani também vivia, antes de ser Criolo Doido, depois só Criolo. Provavelmente nem sabia da criação da imagem racista de Stanislau Ponte Preta, mas certamente ouviu Chico Science cantando a canção do Ile Ayê.

Já ha alguns anos circula entre nós um discurso sobre uma estética Hip Hop no teatro, mas o coletivo negro XII está inaugurando algo novo. A novidade me parece residir na forma e conteúdo desse trabalho em comparação a outros - do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, por exemplo, nos quais o ator Jé Oliveira esteve envolvido há alguns anos atrás. Lá o Hip Hop se submete a estrutura estética do teatro convencional e pequeno burguês de cunho nacionalista (Freyreano), ou vulgarizado como Democracia Racial. Aqui parece exatamente o contrário, a plataforma, e a linguagem vem do REP, mas ainda assim pode ser visto como teatro. A construção teatral do Coletivo Negro parece beber na fonte do próprio Hip Hop⁴ e não no teatro burguês brasileiro.⁵

Por meio desse espetáculo é possível, por exemplo, sondar como os jovens negros periféricos acessaram, assimilaram e redimensionaram as mensagens e contra-ideologias contidas no Hip Hop paulista dos anos 1990. Ou em um nível mais reduzido, como este jovem dramaturgo encontrou no discurso poético filosófico musical do REP elementos de auto-compreensão e ascensão étnica. Lembrando que ser negro, não é uma condição biológica, mas construção social (Munanga, 1990).

Não é possível ser negro positivamente sozinho. Nascer com a pele escura, não te torna automaticamente uma negra, um negro (Souza, 1983). Ser negro, positivamente

⁴ Vejam, por exemplo, o Video-Documentário *Mil tretas, mil trutas* do Racionais Mcs, onde o grupo experimenta uma estética teatral. In: <https://www.youtube.com/watch?v=A-7rTJUKaiU>

⁵ Vejam, por exemplo, o Video-Documentário *Mil tretas, mil trutas* do Racionais Mcs, onde o grupo experimenta uma estética teatral. In: <https://www.youtube.com/watch?v=A-7rTJUKaiU>



falando, advém da experiência dolorida da rejeição e alteridade negada e da sua re-significação.

O espetáculo *Farinha com açúcar: sobre a substância de meninos e homens* nos ajuda a adquirir uma nova percepção da masculinidade negra periférica. São dois níveis ou camadas identitárias. A camada mais pesada e funda é da masculinidade “universal”, ou o domínio global dos machos heterossexuais. Uma espécie de i-memória do falo-mundo. Ou de um totem fálico que organiza a vida, nomeia, explica e governa o mundo físico e imaterial, social, cultural e político. Não nessa ordem, mas estão denominações que não são estanques, como queriam os cartesianos.

Uma segunda camada é da identidade negra, essa é mais difícil porque esta sempre colocada como incompletude. O homem negro em estado puro não existe, mas o sujeito coletivo negro, homens e mulheres da diáspora, cujos corpos foram capturados, vendidos e utilizados para a produção e todo tipo de trabalho. Esse corpo coletivo foi racializado, marcado a ferro, seviciado, ferido, talhado por calhaus, enforcado em patíbulos e cortado em postas em praça pública. É essa a cultura da violência a qual me refiro ao longo do texto.

Nunca se pode ser negra ou negro por completo em uma sociedade racista. Mas o lado bom é que podemos nos pensar coletivamente como devir. O devir é o lugar das utopias, dos sonhos, das fantasias, da loucura, de um ponto ou perspectiva onde se pode escapar das formas de controle e determinações externas. Devir é também o lugar da expressão artística negra, quase sempre em contraponto à norma, ao padrão e ao valor considerado absoluto e universal. E onde bebem os grupos jovens de arte em São Paulo na segunda década do século XXI?

O grupo Racionais criou um patamar de altíssimo nível em termos de musicalidade juvenil e periférica, entretanto tornou-se uma escola musical, que involuntariamente condicionou e empobreceu a produção musical brasileira por uns dez anos. Explico: na medida em que o entretenimento urbano foi se tornando viável comercialmente e ganhando prestígio social, também foi se tornando prática exclusiva dos brancos e industrialmente controlado pelas elites cujos capitais começaram a ser investidos nos espetáculos privados. Em determinado momento os músicos e artistas



negros apenas de forma excepcional conseguiram se estabelecer na produção artística e até mesmo na indústria da música. Esse fenômeno limitou a criação artística da população negra de maneira geral, ao menos aquela produção voltada a atender o mercado de consumo de espetáculo e fonografia. Por isso Ellen Oléria, Criolo, Emicida, Tássia Reis, James Banto, Luana Bayô podem ser comemorados, ouvidos e compreendidos sem subestimação ou grandes preconceitos. Por exemplo, aqueles atribuídos ao FUNK.⁶

Explicando melhor, a imagem de Racionais foi absorvida de tal forma pelos jovens que sonhavam com um espaço social através da música, eles se tornaram um modelo a ser seguido, reproduzido, imitado. A coerência apresentada pelo discurso, música, batida e imagem do Grupo Racionais dificilmente pode ser totalmente imitada sem se tornar uma caricatura. O conjunto de fatores sócio culturais que condicionou o surgimento do Racionais não existe mais. Quero dizer, embora haja crises, no começo dos anos 1990 apenas começávamos a descobrir sobre a desindustrialização. Agora é ela é um fato. Tal como o desemprego estrutural e seus desdobramentos de raça, cor, sexo e etnia.

Além das características e habilidades pessoais dos componentes do grupo e todas aquelas que se desenvolveram com o passar do tempo e as experiências que acumularam, há também a brusca mudança no mercado e produção da música. O fim da gravadoras.

Os fatores externos: contexto social, mudança dos hábitos de consumo da população jovem e pobre, emergência dos movimentos sociais negros na agenda política e seu impacto na esfera pública. Encontro e trocas simbólicas entre lideranças do Movimento Social Negro e lideranças do Movimento Hip Hop.

Um luta interna acontece simultaneamente no âmbito da cultura contemporânea, a disputa entre mercado de consumo cultural (espetáculo, entretenimento, lazer, comunicação, estilo de vida, etc) e contra-cultura (coletivos, bandos, sócio-experiências, transculturais, mini-revoltas, etc) e a juventude é a personagem principal dessa história

⁶ É bem verdade que o preconceito às diferentes modalidades do FUNK existem desde os anos 1980, quando a sua produção era modesta e rarefeita, muito diferente da explosão comercial e midiática da década atual.



que habita os dois lados dessa luta. São jovens que hoje estão no comando de editoras, selos comerciais, empresas de entretenimentos e comunicação em geral, e no lado inverso no mundo do consumo (mesmo em sociedades fragilmente inseridas no mercado global), são jovens promotores e vítimas da violência urbana, são jovens os ativistas mais incisivos das pequenas revoltas que eclodem pelo mundo.

MONITOR 3 (TELA PLANA)

Madame Satã⁷. Rumei para a Bela Vista a tempo de andar pelas proximidades do Teatro Oficina e do Teatro Imprensa do grupo Silvio Santos. As vidas periféricas que resistem no centro da cidade nos ajudam a manter o olhar atento para os discursos midiáticos da São Paulo vitoriosa. Um sobrado reformado, um quintal coberto de zinco, uma recepcionista bilheteira, meia entrada para professores, fui retirando o holerite da bolsa e fazendo brincadeiras.

Público chegando, difícil não antropologizar. Os Crespos conseguem levar negros e brancos em condição proporcional aos seus espetáculos. Já havia notado isso na Funarte, há alguns meses. Ação: Sidney Santiago surge já maquiado e começa dialogar com o público ali, naquele saguão ou anti-sala improvisada. Daí em diante sustentará só toda narrativa, interagindo com o público e com os equipamentos eletrônicos, uma câmera, um microfone acoplado á cabeça e seis monitores de TV.

Desde que soube do projeto, me interessei e me mantive curioso sobre o tratamento dramaturgico, dada a intenção pronunciada pelo grupo de cruzar os temas afetos, masculinidade e negritude. Ao que eu saiba é algo não explorado em termos de dramaturgia no Brasil. O ator se desdobra o tempo inteiro entre um personagem emissor e um receptor de mensagens (cartas) sem tempo ou lugares definidos.

As cartas objetos e oratórias entabulam figuras negras masculinas que falam de seus amores em primeira pessoa do singular. O primeiro corre (literalmente) para rua, levando um buquê de flores, uma faixa e um equipamento portátil de som, faz rodar uma canção de Roberto Carlos e declara amor publicamente ao amado, que supostamente estaria na casa defronte. O amado não sai. Nós entramos e ele continua lá

⁷ Veja: <https://www.youtube.com/watch?v=LNxww9AVu8A>



fazendo sua elaborada declaração numa espécie de megafone. Num jogo de som e cena, ouvimos sua voz fora, mas já estava no palco. Começa aqui um outro “diálogo” com a câmera filmadora portátil.

De qualquer maneira algumas características comuns às artes contemporâneas estão lá: fragmentação discursiva, tecnologia, multiplicidade de referências, centralidade indivíduo e valorização da subjetividade. Roberto, Luis, Margarida, Serginho, Shaine são meninos e homens. Pelos termos socialmente utilizados para desumanizar são: maricas, bichas, pederastas e sodomitas; são veados, travestidos e emparedados. Nomes que sustentam histórias que já foram identificadas como: padrões desviantes de comportamentos. Afetos socialmente tão rechaçados na cultura judaico-cristã desde tempos imemoráveis e, ao mesmo tempo, a comprovação histórica da sua presença e resistente existência desde então.

Há uma linearidade na interpretação, embora seja possível distinguir pequenos acentos e cortes nos modos e tons. A luz quase sempre branca dá ênfase a um espaço de intimidade, o quarto agora é lugar público, especialmente para afetos que ainda não podem ser aquecidos a luz do dia. Dos objetos cênicos só reconhecemos como destaque um pequeno espelho no canto esquerdo. Do troca-troca, Chico na canção “Ópera do malandro” ao conto autobiográfico de Mário de Andrade sobre dois meninos escolares nas suas andanças por São Paulo em meios às descobertas da sexualidade. Em contos escolhidos, somos obrigados a reconhecer o moralismo cristão que predomina nas nossas criações artísticas. Quase nenhum deslocamento, nenhuma virilidade de estilo anti-normativo.

O texto dos Crespos localiza na escravidão uma origem para a violência interpessoal. Mas a violência específica da homofobia tem origem bem mais remota no ocidente, ao menos é o que indica Foucault na “História da sexualidade” e nas páginas finais de “Em defesa da sociedade”, endossado também por Black em “Guerra contra os fracos”. De qualquer maneira é absolutamente inovadora a abordagem proposta pelos Crespos e desenvolvida em texto por Jose Fernando.⁸

⁸ Veja; <https://www.facebook.com/cia.oscrespos>



Mas, precisamos saber até que ponto a transposição de experiências sociais e criação de personagens e textos a partir de vivências geram uma produção esteticamente significativa. A importância dessa montagem dos Crespos, *Cartas à Madame Satã ou me desespero sem notícias suas*, consiste em abrir um vão na parede dura da agenda estética e política das lutas negras para colocar uma perspectiva masculina sobre homoafetividade. Quem são os homens negros que amam outros homens? Quem e porque amam? Como constroem suas trajetórias sociais em um mundo de marca masculina e heterossexual? Como sobrevivem eventualmente as normas comportamentais, sem serem encarcerados nos estereótipos de Dandis quando nobres ou Lacreia quando pobres? Porque são localizados em analogias com bichos saltitantes ou rastejantes peçonhentos.

Freyre, em *Casa Grande e Senzala* (2003), romantizou bastante as histórias que contou com cunho autobiográfico. Sobretudo teve que dar tratos a bola para esconder o papel da violência física e simbólica nas formas de coerção entre homens brancos escravistas e homens negros e escravizados; entre homens brancos senhores e mulheres negras escravizadas; entre crianças escravizadas e rapazolas senhorzinhos. Dissimulou com passagens poéticas e eruditas as quais se pronuncia sobre a iniciação sexual dos rapazes da casa grande, com requintes de perversidade sobre meninos escravizados.

Quando a violência da escravidão havia se tornado uma cultura, a honra masculina africana já há muito tinha se tornado apenas memória. Contudo há documentos que demonstram a reação radical e por vezes suicida de homens e mulheres escravizados quando acuados pela violência sexual dos senhores. Mas estes documentos só foram utilizados para mostrar os escravos como irracionais. (Ribeiro, 2005)

Contudo a homofobia contemporânea não pode ser explicada só a partir dessas histórias e como continuidades intactas. O que poderia ser mais contraditório que as festas urbanas milionárias para celebrar o orgulho gay, enquanto na vida cotidiana os gays estão socialmente confinados em espaços e calendários específicos? Minha interlocutora considerou delicada essa última afirmação sobre contradição “parada gay” e a vida cotidiana de gays, lésbicas, travestis, etc.



Nas periferias de São Paulo parece haver uma mudança na percepção da afetividade homossexual feminina. Casais de mulheres vão ao mercado e creche buscar os filhos e trocam carícias em público sem serem diretamente molestadas, mas o mesmo parece ainda intolerável aos homens.

Antes de se tornar um político profissional, notório e respeitável o deputado estadual que chegou a introduzir o tema da homossexualidade em nossos círculos. Lembro-me bem de uma travesti engajada chamada Paulete, que fez algumas atividades inovadoras no Fórum Cultural da Capela do Socorro. Já naqueles inícios dos anos noventa denunciava a incoerência dos movimentos sociais e dos movimentos negros em não abarcarem a questão de gênero em suas pautas. Tínhamos pouco a dizer a ela naquela época, passados 20 anos, continuamos assobiando. Embora algumas coisas tenham avançado no campo das políticas e debates sobre as mulheres negras, no que diz respeito à intolerância contra homossexuais, homens negros, há ainda muita coisa a se fazer.

FORA DE FOCO 1 (CÂMERA DE CONDOMÍNIO)

Estou chamando masculinidade dominante e as normas, padrões morais e valores dos varões, machos, procriadores, cuja condição seria, em tese, biologicamente determinada⁹. Por masculinidades emergentes, velhas e novas formas de entendimento e atitudes de pessoas biologicamente nascidas e socializadas como homens, mas que no processo de socialização manifestam percepções, pulsões, desejos e práticas consideradas reprováveis às determinações masculinas dominantes. Pederastas, sodomitas, maricas são termos antigos do repertório de estigmas. Marginalizados pelo mundo masculino dominante, não restava outra alternativa às masculinidades dissidentes, senão mergulhar em um profundo sofrimento psíquico, até a completa destruição, sem deixar registro.

A politização dos afetos, o maior conhecimento das relações de poder entre os gêneros, assim como mudanças tênues e mais liberais quanto ao comportamento individual, abriu portas ainda estreitas, mas significativas. As novas possibilidades de comunicação, próprias das tecnologias contemporâneas tem permitido construir novos

⁹ Por dominação masculina, me amparo na definição de Bourdieu (2002).



parâmetros de autoimagem, identidade coletiva e questionamentos da ordem sócio-afetiva. Mas isso não caberia nesse texto, que vai longe demais.

Seguindo as dicas do eminente filósofo francês Foucault, mas me permitindo olhar “pra coisa toda do lado de cá”, ou seja, na percepção de um descendente daqueles africanos, que tanto contribuíram para o avanço técnico e econômico da Europa moderna, mas foram relegados à eterna subalternidade. Não parece simples coincidência que a repressão comportamental dentro das sociedades europeias tenha sido complementada com suas formas de controle sócio-político das populações colônias, nos territórios dominados. Traduzindo, colonialismo cultural interno e colonialismo global compõem cenas diferentes de um mesmo filme. O conceito e ideologia da raça foram utilizados mesmo contra populações europeias. O racismo foi construído por círculos altamente esclarecidos de homens brancos, por ideias que se alimentaram dos antípodas negros e outras “raças de cor”, mas também não deixaram de matar e subalternizar europeus considerados inferiores. Nos termos de Foucault:

Portanto, o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça, para exercer seu poder soberano. A justaposição, ou melhor, o funcionamento, através do biopoder, do velho poder soberano do direito de morte implica o funcionamento, a introdução e a ativação do racismo. E aí, creio eu, que efetivamente ele se enraíza. (Foucault, 1999, p. 309)

Os dados empíricos que tenho são frutos de observações, obtidas como produtor cultural, educador e pesquisador, ao acompanhar, desde 1998, jovens em grupos de artes e cultura nas periferias urbanas. Minha percepção é que houve muita conquista em termos de mudanças comportamentais. Mas quais limites desses ganhos quando confrontados com os dados da nossa realidade social mais abrangente? De agora? Ainda vale o tempo dos Racionais?

Essas formas de contra poder também geraram e geram narrativas dissidentes de brasilidade, identidades negras e masculinas. Se no início dos anos 1980, nos círculos masculinos jovens, aqueles com comportamentos “inadequados” eram convidados a dar no pira, sair do pedaço, sumir da quebrada, vazar. Alguns poucos podiam ser especialmente admirados por suas qualidades e técnicas artísticas, mas nada além da distância respeitosa e impronunciada. Nos anos 1980, a chegada da AIDS, trouxe mais uma a carga de estigmas especialmente sobre os homossexuais masculinos e travestis.



As celebridades que antes morriam às escondidas do grande público ao poucos passaram ser mostradas pela mídia; outras assumiram uma posição de engajamento. Esse engajamento teve e ainda tem um efeito importante de sensibilização. Uma espécie de calvário público de figuras como Cazuza, desfalecendo aos poucos na TV, ao amparo da mãe, nos remeteu a um imaginário católico reprocessado.

Gays, lésbicas e travestis pareceriam raros, senão invisíveis naquela paisagem social concreta. Mas de alguma maneira, essas identidades nos alcançaram principalmente como personagens televisivos ou como artistas consagrados. Dos personagens televisivos, Ney Matogrosso desde sempre inspirou respeito e retidão enquanto uma travesti alta e negra chamada Vera Verão deixava os ativistas antirracistas temerosos e envergonhados. Parece ter sido feita contra nós. Mesmo no meio engajado, havia jargões de baixa autoestima. Quase sempre vinha mesclada com uma homofobia não revelada. Dizíamos: “tudo bem ser preto, mas preto e viado já é demais”.

MONITOR 4 (TELA LCD EM LOJA DE ELETRODOMÉSTICOS)

A palavra homem, ainda é capaz (se é que um dia teria sido) de sintetizar todas variáveis do gênero humano? Hoje parece dado que, quando falamos homem como sinônimo de humanidade, estamos intencionalmente reiterando o masculino como norma e reificando a sua posição de superioridade. As condições mais gerais de existência podem servir como fatores de equalização das atitudes, valores e comportamentos. Mas quais os lugares para as atitudes e comportamentos tidos como atípicos, desviantes ou anormais?

O pensamento de matriz judaico-cristã que tanto influenciou nossa visão de sexualidade, por exemplo, reservou um lugar discriminatório para as pessoas de desejo sexual ambivalente. Hoje definidas como bissexuais. Esse comportamento tido para nós como anormal não foi encarado assim em todas as sociedades. A mitologia africana nos dá mostra da existência de outros parâmetros de definição de normas sexuais onde homossexualidade e ambivalência sexual não ocupavam um lugar estigmatizado.

MONITOR 5 (TELA ANALÓGICA SALA DE AULA DE CURSO UNIVERSITÁRIO À DISTÂNCIA)

Aí a morte tem sido a principal forma política de expressão real, tanto do racismo antinegro, quanto da masculinidade normativa.

Sairemos do campo empírico e ir para dos dados estatísticos frios e brutos. Uma constatação feita por órgãos estatais: As políticas sistemáticas de matança de mulheres, gays e negros jovens nos Brasil, agora assumiram condição de endemia.

Um gay é morto a cada 24 horas, enquanto um jovem negro do sexo masculino o é a cada minuto, para uma mulher morta violentamente de uma em uma hora. Como isso tem sido possível? Homens heterossexuais que se matam, matam os gays e também as mulheres. Isso é prática corriqueira e deliberada. Podemos chamar isso de cultura da masculinidade violenta e da morte? Trata-se de uma discriminação negativa voltada para grupos específicos, negros jovens, gays e mulheres. Em sua maioria, mulheres negras jovens e pobres.

Pode ser um simples jogo de cena da classe política, mas foi aberta uma comissão parlamentar de inquérito no Congresso Nacional brasileiro. Em 2015 a comissão terminou o relatório. São 283 páginas de texto, onde além dos dados e análises, constam também sugestões ao poder executivo de medidas imediatas, de médio e de longo prazo ¹⁰. Todos os dados da sistêmica matança constam no texto síntese da CPI, como nos relatórios anuais do Mapa da Violência e ainda nos estudos e relatórios publicados pelo Grupo Gay da Bahia.¹¹ Segundo tais dados: “343 LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) foram assassinados no Brasil em 2016. Nunca antes na história desse país registraram-se tantas mortes, nos 37 anos que o GGB (Grupo Gay da Bahia) coleta e divulga tais homicídios. A cada 25 horas um LGBT é barbaramente assassinado vítima da “LGBTfobia”, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Matam-se mais homossexuais aqui do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBT.”

Os valores da masculinidade contemporânea e a virilidade conferida na forma de violência interpessoal tem sido tanto empreendida pelo estado, como também

¹⁰ Veja: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/55a-legislatura/cpi-morte-e-desaparecimento-de-jovens>

¹¹ Veja: <https://grupogaydabahia.com.br/2017/01/24/relatorio-de-2016/>



negligenciado por ele, contra setores mais frágeis da sociedade. Quando não é o próprio estado a utilizar suas forças ou grupos paramilitares contra às minorias estigmatizadas, mesmo quando maioria demográfica.

A conquista de direitos legais por negrxs, lésbicas, gays, transgêneros e transexuais e a constante politização dos afetos tem sido rebatidas com uma cultura da violência e da morte. Mas diferente do que aconteceu no holocausto, isso tem sido algo desimportante para as mídias e para as elites sociais e econômicas, políticas e culturais.

Atente para o detalhamento dos tipos de mortes. Os jovens masculinos negros são mortos pelas costas deitados ou de joelhos, com armas de fogo, com balas na nuca e cabeça. Enquanto que os jovens gays, via de regra são espancados com paus e pedras, perfurados com objetos contundentes inúmeras vezes. Essas mensagens escritas nos corpos das vítimas trazem dados sobre a subjetividade dos agressores e assassinos. São cartas endereçadas aos sobreviventes, ou aqueles e aquelas de situação e comportamentos similares.

MONITOR 6 (TELA DIGITAL, SALA DE CONSULTÓRIO MÉDICO)

Passados todos esses anos, que mensagem podemos extrair das cenas do show do Criolo, especialmente quando confrontadas com tais dados tão desoladores?

É bem difícil saber em que momento do processo de formação da humanidade a normatividade heterossexual se estabeleceu e, de que forma se universalizou como dominação masculina. Porém hoje é bem mais fácil entender e admitir que toda forma de dominação é histórica, podendo ser então revertida

Uma dominação econômico-racial do mundo tem sua fonte na expansão ocidental, mas foi e vai muito além disso. Requer uma ética nova, sob a qual deveremos expiar nosso legado de perversidade, se não quisermos reproduzir o cinismo típico do pensamento ocidental branco.

A nova masculinidade externada publicamente pelos jovens periféricos do Grajaú é um indicador de que, ainda por algumas décadas, quanto maior for a coragem dos amores em dizer seu nome e mostrar a face, mais violenta deverá ser a tentativa de reconfiguração da normatividade. Os mais violentos o são temendo o seu próprio

desaparecimento. Ao que parece, o macho tradicionalmente concebido, está com os dias contados. Mas ainda berra e vomita palavras e trovões de chumbo e ferro.

A arte pode funcionar e a história recente demonstrou essa possibilidade: as artes contemporâneas livres das convenções excludentes, das argolas de ferro e preconceitos aristocráticos podem também nos levar a viver na beira da insanidade. Lá, poderemos escolher entre vários mundos que já foram considerados impossíveis. Aqui as artes contemporâneas podem ser criadoras de um outro Humanismo. Aquele que torne a diversidade, uma palavra quente, como se habitasse o hálito de todo ser humano.

FORA DE FOCO 2 FINAL (TELA DE CELULAR MOVIMENTOS DA VIDA COTIDIANA)

O poder do macho branco supostamente universal e cristão que se projetou no mundo a partir da expansão ocidental já não pode mais se sustentar, mas ainda sangra e berra, xinga e manda. Não, não se trata apenas de um certo presidente que compõe todo seu ministério com homens brancos num país latino, a despeito da continua violência contra os povos originários. Trata de uma sociedade onde as hierarquias de raça e gênero ainda são livremente pronunciadas de todas as formas, desde as mais sutis e simbólicas até as mais concretamente violentas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU: Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Glavão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 309

MUNANGA, K. "Negritude afro-brasileira: perspectiva e dificuldades". In: *Revista de antropologia*, nº 1 33 - p. 109 - 118 - FFLCH / USP, 1990.

RIBEIRO, J. L. *No meio das galinhas as baratas não têm razão: a Lei de 10 de junho de 1935: os escravos e a pena de morte no Império do Brasil: 1822-1889*. Rio de Janeiro: Renovar, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: As vivissitudes do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

*Recebido em outubro de 2017
Aprovado em novembro de 2017*